

# Sistema de ensino português não põe os alunos a pensar

① Elsa Costa e Silva

O que tem falhado no ensino da Matemática? É um problema de sociedade, de cultura do País, de um ensino que não põe os alunos a pensar. O diagnóstico tem sido feito ao longo dos anos por vários especialistas e vai para além do que se passa nas salas de aula e da relação de alunos com professores: abrange a organização da escola e o facilitismo na educação.

João Pedro da Ponte, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, garante que o problema da Matemática "é um problema geral com a escola", que não é valorizada pela sociedade portuguesa. Este especialista no ensino de Matemática afirma que os alunos têm "um envolvimento cada vez menor relativamente à escola, em particular no

que diz respeito à Matemática e às Ciências, porque não requerem um trabalho mais continuado".

Mas o facto de ser um problema geral de sociedade não impede que haja um plano especial de intervenção nesta área em específico: "É importante que se intervenha na Matemática e nas Ciências, porque isso pode sinalizar as áreas prioritárias", defende. Mas este esforço de aprofundamento deverá ter um efeito de arrastamento, para chegar ao Inglês e ao Português.

Estas disciplinas – sobretudo a língua portuguesa – podem explicar também algum insucesso nas áreas científicas. António Batel, investigador da Universidade de Aveiro que tem desenvolvido um programa de diagnóstico no ensino da Matemática, explica que resolver problemas implica "ler e interpretar". E aqui "o primeiro problema é o português".

O diagnóstico deste especialista abrange todo o sistema de ensino que "não põe os alunos a pensar, a resolver problemas, nem os aproxima da vida real". E também os manuais contribuem para as deficiências na aprendizagem: "Não estão vocacionados para a resolução de problemas e são mais receituários que trazem exercícios meios mastigados."

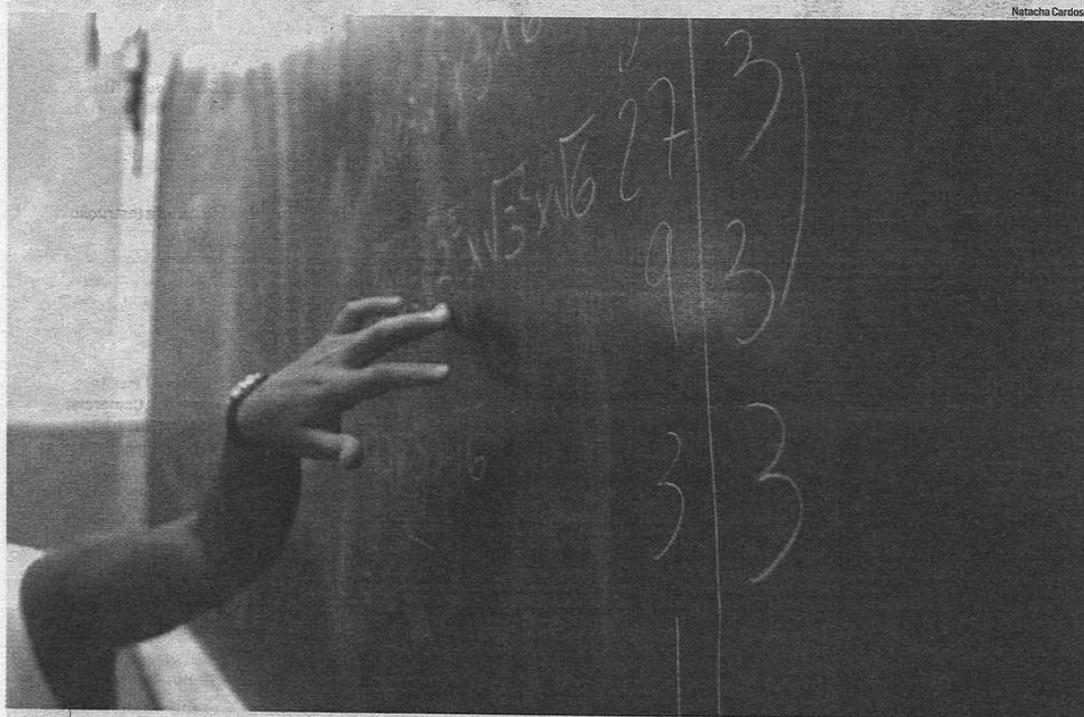
O diagnóstico que efectuou a alunos portugueses, no âmbito de um protocolo com a Direcção Regional de Educação do Centro, aponta fa-

lhas na lógica e na capacidade de resolução de problemas. E é aí, diz, que qualquer plano tem que incidir, assim como no desenvolvimento de um raciocínio lógico.

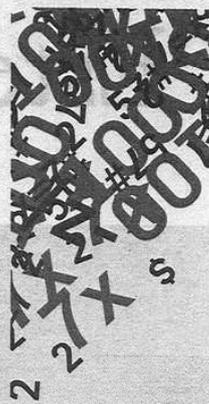
O dedo tem também sido apontado aos professores, às deficiências da sua formação e, às vezes, à sua falta de vocação para o ensino. Mas Manuela Pires, vice-presidente da Associação de Professores de Matemática, afirma que "o problema tem que ser visto de forma mais global, porque mesmo os muito bons professores não conseguem, muitas vezes, resultados que sejam significativamente diferentes". Por isso, antes de individualizar num ou noutro docente, é preciso um "plano global" que permita ao sistema agarrar um aluno assim que ele comece a "escorregar" e não deixar prolongar as dificuldades, que tornam a recuperação quase impossível. I

**Diagnóstico efectuado a alunos portugueses aponta falhas no raciocínio lógico e na capacidade de resolução de problemas**

Natacha Cardoso



Exigente | Ensino da Matemática nas escolas envolve cada vez menos os alunos, que não se mostram motivados para um trabalho continuado



57%

A média das classificações das provas de aferição do 4.º ano pouco ultrapassa a nota positiva.

33%

No 9.º ano, um terço dos alunos termina com um chumbo a Matemática.

44%

Nas provas de aferição ao 6.º ano, nunca a média das classificações foi, entre 2000 e 2005, positiva, variando entre 34 e 44%.

30%

Nos exames nacionais do 9.º ano, 70% dos alunos obtiveram nota negativa. Só 30% alcançaram uma classificação entre 3 e 5. A média das notas foi de 35%.

27%

No 12.º ano, reprova a Matemática quase o triplo do número de alunos que não alcança positiva a Português; 27% chumbam nos números, contra os 8 a 12% dos que reprovam nas letras. Nos exames, a média não foi além dos 6,9.

## O terceiro pior em 'ranking' internacional

Piores que Portugal, só mesmo a Itália e a Grécia: no exame PISA, promovido em 2003 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), para avaliar as competências a Matemática dos alunos com 15 anos, Portugal é o terceiro pior país no grupo dos que têm rendimentos mais elevados. Logo a seguir vêm os Estados Unidos e a Espanha.

Neste grupo de países, mais de

um quarto dos alunos está abaixo do nível mínimo. Na Finlândia, por exemplo, são menos de 10% os alunos que não atingem esse patamar mais básico e um em cada cinco estudante chega ao nível de proficiência.

O relatório da OCDE de 2005 para a Educação considera, por exemplo, que para esse conjunto de países onde as competências na disciplina são piores temos "um indicador de quantos estudantes têm possibilida-

de de encontrar problemas sérios ao utilizarem a Matemática no futuro".

João Pedro da Ponte, investigador da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, considera que "o ensino da Matemática não é muito diferente do que se passa nos outros países europeus". O desempenho dos alunos portugueses é semelhante, diz, ao de outros países da bacia mediterrânea: "Os resultados dos alunos portugueses não são satisfató-

rios, mas não devem surpreender."

Portugal, por outro lado, assinala o investigador, tem tido algumas experiências inovadoras no domínio do ensino da Matemática. Foi o caso da introdução das calculadoras gráficas, nos anos 90, que "hoje ninguém duvida serem um instrumento cujo uso adequado é importante". No entanto, o País está, por exemplo, atrasado na introdução nos programas da geometria dinâmica. I<sup>ES</sup>